

ANC X

Coluna do Castello

1 MAI 1988

ANC As raízes do nacionalismo j-2

Os sentimentos nacionalistas dominantes em largos segmentos das Forças Armadas foram o fermento que induziu a Assembleia Nacional Constituinte a votar medidas que aparentemente contrariavam a maioria de parlamentares, oriunda de bases conservadoras. Obtida cobertura para uma manifestação sem risco, empresários e empreiteiros de obras e serviços, cujos interesses aconselham a proteção contra a competição estrangeira, sentiram-se liberados por si e por seus representantes a estimular as votações que agrediram o pensamento liberal aparentemente dominante entre os constituintes.



O senador Severo Gomes, com precisa informação histórica e intuição política, jamais perdeu a esperança de suscitar aqueles sentimentos que sabia persistentes e mobilizáveis em defesa de teses como a exclusão de estrangeiros da exploração de riquezas minerais, inicialmente de faixas da fronteira e de domínios indígenas, para chegar à etapa final da nacionalização abrangente. Ele jamais acreditou na hostilidade dos comandos militares às suas teses, que começou a adotar com relativo êxito quando exercia o Ministério da Indústria e do Comércio no governo do general Ernesto Geisel. Por isso mesmo, ele antecipou-nos no diálogo direto com o general Bayma Denys e com os oficiais do Conselho de Segurança Nacional, afinal liberados por seu chefe, com a complacência dos comandos, a tornarem ostensiva sua opção pela política nacionalista. A SEI, como se sabe, foi criada no CSN e sobrevive graças ao apoio que dali recebe.

Não se deve esquecer que foram militares da reserva, entre os quais o general Leônidas Cardoso, pai do senador Fernando Henrique Cardoso, que levaram às ruas a campanha do *Petróleo é nosso*, sem a qual a Petrobrás teria sido dificilmente realizável. O presidente Getúlio Vargas soube jogar com a vocação nacionalista dos militares até mesmo para as ambigüidades do seu comportamento nos dois primeiros anos da II Guerra Mundial. Ele devia perceber que a inclinação pró-Alemanha dos generais Góis Monteiro e Eurico Dutra, que não haviam sido tocados pelo integralismo que lavrou na Marinha como uma manifestação nacionalista mais romântica e juvenil, traduzia um sentimento anti norte-americano e anti britânico e não propriamente um pendor ditatorialista, habitual nos altos escalões fardados.

Getúlio Vargas soube jogar com essas inclinações e, assim como as havia utilizado para erigir-se em ditador responsável pela ordem e pela contenção dos comunistas, mobilizou os generais mais influentes na tropa para respaldar suas negociações com os nazistas em busca da implantação da siderurgia pesada no país. Os rumos da guerra fizeram prevalecer, na competição então instalada, os interesses mais próximos dos Estados Unidos, que iriam nos fornecer a primeira usina de Volta Redonda, desencadeando uma etapa irresistível na industrialização do país e consolidando uma frente política de defesa e preservação do crescimento autônomo da economia.

A atração de capitais estrangeiros em larga escala, realizada por Juscelino Kubitschek para instalação da indústria automobilística e da indústria naval, correspondeu a outra etapa do desenvolvimento cujo êxito aparentemente silenciou por algum tempo o nacionalismo larvar nas Forças Armadas. Sua aliança com o PTB, sua condescendência com os comunistas e demais forças de esquerda amorteceram o impacto e transferiram para datas mais distantes o entrelaço entre nacionalistas e "entreguistas" tanto na faixa política quanto na faixa militar. O sentimento nacionalista, aliás, fora atenuado pela colaboração das Forças Armadas com o esforço de guerra norte-americano, cujos instrutores geraram dedicações entre militares brasileiros que iriam mostrar seu potencial não só contra a aliança populista que sustava Juscelino como no veto ao governo João Goulart, que iria culminar com a deposição do presidente.

Em 1964, operou-se uma reação contra a frente civil-militar nacionalista, e os generais que emergiram no novo governo expandiram a colaboração com os Estados Unidos e o ocidente europeu suscitando a preferência de investidores que iriam alimentar a nova expansão da economia nacional com apoio das multinacionais e dos grandes conglomerados financeiros. Eliminada da tropa e do Congresso a "esquerda", como tal considerados comunistas e nacionalistas, a cooperação com os Estados Unidos iria encontrar seu símbolo na famosa adaptação por Juraci Magalhães da frase segundo a qual o que era bom para a General Motors era bom para os Estados Unidos.

A candidatura do general Albuquerque Lima à sucessão de Costa e Silva foi, contudo, uma irrupção do remanescente nacionalismo militar, que iria reestruturar-se no governo Geisel, cujo ímpeto estatizante iria gerar um novo surto que, a partir já não da Escola Superior de Guerra — fruto da cooperação com os Estados Unidos — mas do Conselho de Segurança Nacional, iria dar a base militar para as reformas que o projeto de Constituição está a convalidar.

Desse retorno da influência militar, tanto pode beneficiar-se como sofrer danos irreparáveis a decisão do Alto Comando de evitar eleição direta em 1988.

Carlos Castello Branco